



Vol. 6 nº 12 jul./dez. 2011  
p. 235-249

## **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL**

Linete Oliveira de Souza (Uninove-SP)  
Andreza Dalla Bernardino (Uninove-SP)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é ampliar o espaço da contação de história nas escolas e no trabalho efetivo dos professores, versará sobre reflexões teóricas que servirão como base para a prática exercida pelo educador na educação infantil e series iniciais do ensino fundamental (1º, 2º e 3º anos), como auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da criança. Para isso faz-se necessário o conhecimento, os recursos utilizados e as técnicas orais e corporais, para um bom professor/contador de historias, bem como a escolha da narrativa mais adequada a faixa etária e a situação.

**Palavras chave:** Contação de Histórias, Educação, Pratica Educativa.

### TELLING OF HISTORIES AS PEDAGOGICAL STRATEGY IN THE INFANTILE EDUCATION And FUNDAMENTAL TEACHING

**Summary:** The goal of this article is to enlarge the telling at schools and at work effective of the teachers, will argue about theoretical reflections that will serve as base for the practice exercised by the educator in the infantile education and series initial of the fundamental teaching (1st, 2nd and 3rd years), how to assist in the teaching process and child's learning. For that necessary the knowledge is done, the used resources and the oral and corporeal techniques, for a good storyteller, as well as the narrative choice adapted most the of age band and the situation.

**Key words:** Telling, Education, Practices Educational

## INTRODUÇÃO

Durante muito tempo o ato de contar histórias nas escolas era tido como uma forma de entreter, distrair e relaxar as crianças, e ainda em algumas instituições continua a ser assim. Mas neste século XXI tem ressurgido a figura do Contador de Histórias, ou o Professor/Contador de Historias, e a sua importância no âmbito educacional e emocional das crianças, com presença certa em bibliotecas, feiras de livros, livrarias e escolas. Esse antigo costume popular pertencente à tradição oral, vem sendo resgatado pela educação como estratégia para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita – a formação do leitor passa pela atividade inicial do escutar e do recontar.

Dessa forma, propostas de formação e cursos de capacitação de educadores vêm incluindo em sua metodologia a preparação para o ato de contar histórias.

Ainda assim esta não é uma prática comum no Ensino Fundamental das séries iniciais. As instituições educacionais recusam um trabalho diferenciado com a leitura, porque a contação de histórias se distancia dos métodos das avaliações. Não se pode medir notas ou conceitos quando contamos ou ouvimos um conto e a escola tem dificuldades em trabalhar com aquilo que não pode ser avaliado. Tal dificuldade é vista até mesmo com a literatura infantil, que perde a sua beleza quando o texto se transforma em uma ferramenta avaliativa, fazendo com que o prazer da leitura se perca com a avaliação. O fracasso escolar no ensino fundamental se refere ao desenvolvimento pelo gosto da leitura e formação de leitores, que recai sobre a forma como o professor está trabalhando a relação do livro com o aluno. A literatura não está recebendo um estímulo adequado e a contação de histórias é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, e não uma tarefa rotineira escolar que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos para as provas, afastando o aluno do prazer de ler. “Porque para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece” (VILLARDI, 1997, p. 2).

De acordo com vários estudiosos a contação de histórias é um valioso auxiliar na prática pedagógica de professores da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade.

## ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Na antiguidade a contação oral de histórias era vista sob um olhar inferior à escrita, apesar disso os povos se reuniam ao redor da fogueira e contavam suas lendas e contos, disseminando a sua cultura e os seus costumes; reunir-se para ouvir histórias era uma atividade dos simplórios, isto explica por que durante tanto tempo esta prática foi rejeitada pela sociedade. Essas lendas e contos eram histórias do imaginário popular pertencentes à memória coletiva, destinadas, a ouvintes, adultos e crianças, que não sabiam ler.

Segundo Malba Tahan (1966, p.24) “até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de idéias novas.”.

O homem descobriu que a história além de entreter, causava a admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contador de histórias tornou-se o centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam.

Sendo assim, por muito tempo o contar histórias foi uma atividade oral: as histórias, reais ou inventadas, eram contadas de viva voz. Na idade média o contador era respeitado em todos os lugares por aonde ia. Os trovadores obtinham entrada em palácios e aldeias contando histórias do gosto popular. Com o aparecimento da escrita, surgem, ao lado das histórias orais, as histórias escritas – e, com essa, surgiram tanto a história, propriamente dita, como relatos de eventos que se acredita terem de fato acontecidos, como a literatura, ou seja, relatos de eventos imaginados (ficção). A literatura infantil nasce dos contos populares por isso a contação de histórias é a origem da literatura.

A contação de histórias foi utilizada como meio de propagação das doutrinas religiosas budistas e ainda hoje a medicina hindu tem como método oferecer uma história aos doentes desorientados, essa escolha considera a problemática psíquica do paciente. No Oriente Médio encontramos o narrador profissional de contos de fadas e grandes coleções de contos de fadas indianos e turcos fazem parte da educação dos jovens príncipes. O século passado, porém, foi marcado pelo audiovisual. Aparecem o cinema, a televisão, o computador e quase no fim do século a multimídia. Assim, o contar histórias, no século XX, passou a ser não mais baseado exclusivamente na palavra, oral ou escrita (embora esta continue extremamente importante em nossa contemporaneidade, o ato de contar é o ato de criar através das palavras), as imagens passaram a ser ingredientes indispensáveis das histórias. Agora nós não somente ouvimos e lemos histórias, mas assistimos à sua representação áudio-visual.

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção”. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos (TAHAN, 1966, p.16).

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA EDUCACIONAL

A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a autoexpressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem.

A escuta de histórias, pela criança, favorece a narração e processos de

alfabetização e letramento: habilidades metacognitivas, consciência metalingüística e desenvolvimento de comportamentos alfabetizados e meta-alfabetizados, competências referentes ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e utilizar verbos cognitivos (penso, acho, imagino, etc.), habilidades de reconhecimento de letras, relação entre fonema e grafema, construção textual, conhecimentos sintáticos, semânticos e ampliação do léxico. “A leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários” (RCNEI, VOL. 3, p.145).

Dentro das histórias encontramos a gramática do conto: as personagens (protagonista e antagonista), apresentação inicial do conto, sucessão de eventos/ações complexas e o final; esta regularidade facilita a compreensão textual e a criação de histórias pela própria criança, assim contribuindo para as habilidades lingüísticas em nível oral e escrito. O conhecimento adquirido pelas crianças em idade “pré-escolar” das competências da língua e narrativas são fundamentais nas fases de alfabetização e letramento.

A iniciação literária desde a infância com livros de imagens com ou sem textos e o trabalho com contos podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura para além da simples decodificação do código lingüístico. Conforme afirma Bamberger (1995) “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem”.

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura (RCNEI, VOL. 3, p.141).

A didática do conto de histórias é motivante e enriquecedora nas series iniciais, mas com o cuidado de que a estrutura da narração deve ser previsível para a criança, de fácil linguagem, com imagens e possibilidade de explorá-las posteriormente de forma lúdica, às narrativas possibilitarão as crianças um melhor desenvolvimento da capacidade de produção e compreensão textual.

O docente precisa incluir em seu planejamento curricular períodos dedicados à leitura, formando crianças que gostem de ler e escrever, uma geração de leitores e escritores que vêem na literatura infantil um meio de interação e diversão. Segundo Abramovich (1991) o ato de escutar contos é o início para a aprendizagem de se tornar um leitor.

Oferecer estas oportunidades didático-educativas significa capacitar às crianças para que possam desenvolver todas as suas potencialidades dentro da língua materna.

... o ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o seu nome ou assiná-lo na Carteira Profissio-

nal, ensiná-lo a ler alguns letreiros na fábrica como 'perigo', 'atenção', 'cuidado', para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão, não é suficiente (GADOTTI, 1988, p. 17).

Além disso, a literatura oral na sala de aula pode ser trabalhada de várias formas como na interdisciplinaridade.

é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1995, p.17).

Aprender sobre povos e suas culturas, sobre História e Geografia, são possíveis na medida em que essas histórias acontecem em tempo e espaço diversificados, tornando-se um instrumental criativo de exploração a ser usado pelo educador. Inclusive, segundo Busatto (2003), esse caminho didático permitirá ao aluno valorizar a identidade cultural e a respeitar a multiplicidade de culturas e a diversidade inerente a elas.

Ou ainda citando Malba Tahan (1966) "as narrativas de casos e contos podem ser aproveitadas em todas as atividades. Através dessas narrativas podem ser ministradas aulas de Linguagem, Matemática, Educação Física, com o máximo de interesse e maior eficiência". (p.142). "É o exemplo do escritor Monteiro Lobato, que mostrou que até a aritmética, com seus cálculos e suas frações, pode ser aprendida sob a forma de história..." (TAHAN, 1966, p.26).

Podemos verificar que essas assimilações possíveis, permeadas de encanto e ludicidade, tornam o ato de aprender mais interativo, instigante e estimulante porque falam ao interior de cada criança, propiciando um fazer educativo pleno de significação e envolvimento.

Outra fonte de aprendizagem pode ser apontada nos contos. Nos enredos de suas histórias, aparecem situações ligadas a valores universais como a liberdade, a verdade, a justiça, a amizade, a solidariedade, etc. Levando a criança a refletir sobre o convívio em sociedade.

Além disso, ao também expressarem à inveja, a traição, a covardia, a desigualdade, entre outros, permitem a escola a análise crítica de componentes éticos, abrindo espaço para a discussão de valores morais. Para Abilio e Mattos (2003) o educador deve estar ciente de que todo conto reflete a ideologia da época em que foi produzido, e, a partir dessa perspectiva, deve ser compreendido e discutido com os alunos. A partir daí, o desenvolvimento do espírito crítico no aluno também pode ser provocado pelo educador ao propor questionamentos sobre as escolhas adotadas pelos personagens.

Atualmente as frentes tecnológicas, os estímulos socioculturais, visuais, auditivos, sensório motores e táteis fez com que as crianças ampliassem a sua visão de mundo e a sua capacidade neuronal, a sua inteligência. As crianças do nosso século

XXI, seja estas moradoras da favela de grandes cidades ou dos condomínios fechados da classe média alta, se encontram envolvidas num imaginário construído pelas tecnologias, produções culturais que chegam a elas mediados pelo computador, Internet, CD-ROM, DVD-ROM. São sugeridas as crianças histórias com enredos variados. Narrativas completas com sons e imagens, que se tornaram um desafio para a escola, uma vez que representam um grande atrativo e influenciam o comportamento das crianças. Logo, a história para a criança da educação infantil e fundamental de hoje deve ser contada de forma interativa, dinâmica como o mundo em que ela vive.

Na história computadorizada não encontraremos mais a voz primordial do contador, vamos encontrar a voz do narrador que auxiliado por sofisticados recursos tecnológicos mantém a história acesa. O narrador lança imagens no ar e os ouvintes as transformam na sua história, ancorados no seu imaginário e pela sua própria história de vivências para construir personagens, situações e ações. A recepção da história é uma ação individual, e aquelas mais procuradas pelas crianças ainda são as que possuem um narrador humano, conclui-se que a figura do contador de histórias continua sendo a ponte entre o ouvinte e o conto, esteja este ao vivo ou na tela do computador.

A relação da escuta da leitura pela criança é afetiva. Este sentimento se manifesta pela identificação com a história, com os temas tratados e com os personagens; esta identificação consiste em afirmar a sua personalidade graças ao livro, formulando parâmetros de julgamentos éticos com relação aos personagens e de experiências e questionamentos pessoais. Sendo assim a escuta de histórias tem um caráter formador ou ético.

Na interação com as histórias a criança desperta emoções como se a vivenciasse, estes sentimentos permitem que esta pela imaginação exercite a capacidade de resolução de problemas que enfrenta no seu dia a dia, além disso, esta interação estimula o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, o escrever e a vontade de ouvir novamente.

A repetição da história contada é sempre positiva, a criança sempre observa algo novo após a contação.

Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma seqüência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita (RCNEI, VOL. 3, p.143).

O epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), já dizia que quando a criança entra contato com experiências novas ouvindo ou vendo coisas que para ela são novidades, acaba inserindo esses conteúdos as estruturas cognitivas que possuía anteriormente, construindo significados e assim aumentando o seu conhecimento, somando o novo ao que já vivenciou, ao considerarmos o condicionamento mental infantil, o ideal é que a criança repita a história que acabou de ouvir, que ela tenha a oportunidade de dar outro final, altere, modifique a história que foi contada, quando a

criança narra um conto estabelece uma relação entre fantasia e realidade.

Recontar histórias é outra atividade que pode ser desenvolvida pelas crianças. Elas podem contar histórias conhecidas com a ajuda do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida. Nessas condições, cabe ao professor promover situações para que as crianças compreendam as relações entre o que se fala o texto escrito e a imagem. O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, freqüentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor. Nesse sentido, é importante ler as histórias tal qual está escrita, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a idéia de que ler significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo (RCNEI, VOL. 3, p.144).

Ler, ouvir/contar histórias desperta o pensamento narrativo. Uma forma de pensar coexistente com o pensamento lógico científica, vinculado à subjetividade e ao emotivo, surge em situações onde o sujeito busca compreender através de simbolismos a realidade. Sendo assim, o conto de histórias favorece o psíquico e emocional da criança, que enquanto cresce busca sua identidade baseada nos modelos que convive. A escola tem uma grande responsabilidade nesse processo, o sistema educativo deve ajudar quem cresce em determinada cultura a se identificar, a partir das narrativas é possível construir uma identidade e de encontrar-se dentro da própria cultura, a escola deveria promover e divulgar contos orais e escritos que mostrem à realidade pluricultural brasileira resgatando história da tradição afro-indígena, favorecendo deste modo a construção da identidade infantil. Há gerações isto vem sendo negado onde se legitimam apenas os contos de origem européia.

Para o professor da pedagogia hospitalar a contação de histórias é uma excelente ferramenta. A criança sofre com a hospitalização, se sente afastada do meio social e pouco a vontade para expressar a sua ludicidade, característica inerente a ela. Narrar histórias infantis nos hospitais como um dos instrumentos do tratamento total oferecido à criança internada, propicia melhora psíquica e/ou física. Permitindo devolver a fantasia, contar história e uma atividade prazerosa e sadia que ameniza a condição de enfermidade dando maiores condições para médicos, enfermeiros, psicólogos, recreacionistas, terapeutas, professores e acompanhantes responderem as necessidades lúdicas da criança hospitalizada.

Como o lúdico é um caminho que enriquece os procedimentos criativos fortalecendo a capacidade de interação e criação deve-se, portanto, estabelecer também nesse trabalho a preservação do nosso ambiente, sendo este também um processo de interação homem-natureza. Textos literários na educação ambiental são muito significativos, pois proporcionam às crianças a oportunidade de conversar sobre a preservação da natureza, se estendendo aos cuidados que se deve ter com

os animais domésticos. A atividade de confeccionar livros com papéis reciclados, retalhos e outros materiais reaproveitados exercitam não só a educação ambiental, mas também a criatividade dos alunos, explorando o interesse pelas artes e por atividades estéticas. Segundo Tahan (1966) a contação de histórias facilita a aquisição de novos conhecimentos sobre animais, sobre plantas, sobre a natureza, ciências e artes.

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PSICUISMO INFANTIL

Ouvir história é recuperar a herança empírica do homem, seus medos, descobertas e desejos. As crianças sabem muito bem o que é essa herança empírica no turbilhão de sentimentos que vivenciam, é onde entra a figura do professor/contador de histórias como mediador deste processo de aprendizagem de lidar com as emoções.

Para a criança muitos de seus sentimentos são tão confusos, perturbadores e dolorosos que é difícil administrá-los, trazendo assim infelicidade. Essa energia emocional fica represada e acaba vazando na forma de sintomas físicos, neuróticos ou comportamentais, como crueldade, comportamento agressivo, dificuldade de aprendizado, enurese noturna, falta de concentração, hiperatividade, obsessões, ansiedade, etc.

Apesar das crianças precisarem de ajuda para lidar com seus sentimentos estas não conseguem falar com naturalidade e facilidade sobre seus problemas, isto porque não estão habituadas à linguagem cotidiana, para elas esta não é a linguagem do sentimento, elas se expressam melhor através da metáfora, da imagem como em histórias e sonhos.

A comunicação por meio da narração de histórias fala as crianças mais profundamente do que a linguagem literal, a linguagem do pensamento; dramatizar com bonecos ou fantoches, representando aquilo que se quer dizer através do desenho ou pintura é fazer uso da linguagem imaginativa, essa é naturalmente a linguagem infantil.

Nas histórias, o mal está tão presente quanto o bem, existem inúmeros obstáculos a serem vencidos, aparecendo escolhas de solução que permitem que a vitória aconteça. Todos esses aspectos fazem parte da vida psíquica da criança, formalizando o processo de identificação.

Aquele herói que luta e vence mostra a possibilidade de não desistir diante dos problemas da vida real e ter forças para superar todos os desafios. Os seres que figuram o mal significam o aspecto instintivo do homem e, ao serem subjugados, criam a possibilidade de equilíbrio entre a natureza animal/instintiva e a humana.

De acordo com Bettelheim (ibid.), esses seres são criações do imaginário, fantasmas que a criança carrega dentro dela: medo do abandono dos pais, de ser devorada e da rivalidade com irmãos. As histórias contadas minimizam essas angústias e trazem paz as crianças porque essas energias maléficas são destruídas e "tudo acaba bem" no final do conto.



Ainda citando Bettelheim, a narração oral é um caminho para o desenvolvimento da maturidade e sedimentação da individualidade, da autovalorização e da projeção de um futuro esperançoso, gerando o abandono das dependências infantis e abrindo espaço para o convívio com a obrigação moral e a convivência social pautada na consideração ao outro.

É isto que a história faz, ela apresenta mecanismos para enfrentar os problemas de uma maneira saudável e criativa, levando a criança ao um mundo maravilhoso onde os processos vivenciados pelos personagens e suas aventuras são repletas de significados, a criança sente isso, ela entra no mundo da história, um mundo de esperança, opções e possibilidades: opções sobre o que fazer diante de um grande obstáculo, possibilidades e soluções criativas para a superação dos problemas e como lidar com as emoções, “a história grava-se, indelevelmente, em nossas mentes e seus ensinamentos passam ao patrimônio moral de nossa vida. Ao depararmos com situações idênticas, somos levados a agir de acordo com a experiência que, conscientemente, já vivemos na história” (TAHAN, 1966, p.22).

As narrativas em sala de aula são ótimas ferramentas para o desenvolvimento da subjetividade das crianças, o conto permite que esta experimente emoções, vivencie-as em sua fantasia, sem que precise passar pelas mesmas situações na realidade, além disso, a história oferece a criança uma nova forma de pensar sobre os seus sentimentos difíceis, sentimentos dolorosos ou intensos demais (como um luto, o nascimento de um irmão, a adaptação escolar, etc.).

As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que freqüentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças (RCNEI, VOL.3, p.143).

Os contos de fadas são as únicas histórias que de maneira simples e simbólica falam das perdas, da fome, da morte, do medo, do abandono, da violência... Eles têm suas bases nas camadas do inconsciente coletivo, em sentimentos comuns a toda a humanidade, por isso encontramos histórias bastante parecidas em diversas culturas pelo globo e em épocas diversas. Os contos de fadas possuem um fundo arquetípico, sentimentos complexos organizados de um modo fácil de entender especialmente pelas crianças, mostram que é natural ter pensamentos destrutivos e maus, que não se é essencialmente construtivo e bom e que é preciso ordenar os sentimentos e as tendências contraditórias.

Sabemos que o texto literário narrativo oferece ao leitor a possibilidade de “experimentar uma vivência simbólica” por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou pelas imagens. A literatura (e, portanto a literatura para a juventude) é portadora de um sistema de referências que permite a cada leitor organizarem sua função psíquica com o vivido e a sensibilidade que lhe é própria (FARIA, 2010, p.19).

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Toda construção do imaginário da criança ocorre em torno criança é submetida pode significar além disso, a afirmação de um *status* de personalidade quanto ao acesso ao mundo da leitura e escrita. Por isso é um momento carregado de empolgação e euforia, e também, pressão social e medo.

pensar o imaginário como um vasto campo de possibilidades, que proporciona, entre tantas coisas, a compreensão e aceitação de diferentes níveis de percepção da realidade, abrindo-se para um sistema participativo, plural, sensível e passível de outras lógicas (BUSATTO, 2007, p.58).

Diante disto e preciso planejar o processo de transição que ocorrerá a fim de minimizar o stress na criança. Um elevado nível de stress pode deixar marcas a curto e longo prazo, causar distúrbios e interferir no processo de aprendizagem.

A contação de histórias é um instrumento de grande valia nessa de transição, apesar da ausência de estudos avaliativos neste campo, pois ao ouvir uma história que relate sua trajetória até o momento e que ainda antecipa o futuro que a nova fase escolar lhe reserva, a criança elabora o inevitável rompimento dos vínculos estabelecidos nessa fase e se prepara para uma nova etapa, diminuindo assim o próprio nível de stress, o medo e a insegurança.

## O PROFESSOR/CONTADOR DE HISTÓRIAS, AS TÉCNICAS E OS RECURSOS UTILIZADOS NAS CONTAÇÕES

Aspectos devem ser considerados para o sucesso da contação de histórias em sala de aula. Como espaço físico adequado, expressões e gestos utilizados pelo professor/contador, de forma a imitar os personagens; o ambiente deve ser harmonioso e aconchegante, sem distrações externas, com crianças agrupadas, a preparação de um baú ou prateleiras com livros infantis, um tapete de feltro colorido com recortes dos personagens das histórias, um avental com velcro onde os personagens possam ser fixados, fantoches ou dedoches, os fantoches de vara, de mão e de dedo são excelentes recursos para contar histórias aos pequenos, além disso são estimuladores da imaginação e da linguagem, facilitando a concretização das fantasias e a expressão dos sentimentos.

Os bonecos atraem as crianças proporcionando o prazer de dar vida e voz a eles; graças ao fantoche pode-se superar a timidez que dificulta a comunicação e podem ser expressos sentimentos. O teatro de fantoches ensina a criança a prestar atenção no mundo sonoro, é um excelente recurso didático onde os professores podem abordar assuntos do conteúdo programáticos, focalizando o interesse para o assunto proposto, enriquecendo a aula. Neste contexto também a música, tem o

poder de alterar o comportamento incentivando a realização das atividades com prazer, diversas são as musicas infantis que podem ser trabalhadas nas diferentes modalidades e estratégias educacionais. A educação ganha força ao aliar-se a expressão oral, expressão plástica e as emoções.

Para a escritora de literatura infantil e juvenil, pedagoga, atriz e contadora de histórias profissional Fanny Abramovich os cuidados e preparos do professor/contador de historias se referem a: 1. Saber escolher o que vai contar, levando em consideração o público e com qual objetivo; 2. Conhecer detalhadamente a história que contará; 3. Preparar o início e fim no momento da contação e narrá-la no ritmo e tempo que cada narrativa exige; 4. evitar descrições imensas e com muitos detalhes, favorecendo o imaginário da criança; 5. Mostrar à criança que o que ouviu está ilustrado no livro, trazendo-a para o contato com o objeto do livro e, por consequência, o ato de ler; 6. e por último, saber usar as possibilidades da voz variando a intensidade, a velocidade, criando ruídos e dando pausas para propiciar o espaço imaginativo.

Segundo a escritora, mediadora em projetos de oralidade, leitura e literatura infanto-juvenil e narradora oral de histórias, Cléo Busatto, o professor/contador deve descobrir as razões pelas quais contar histórias, para quem contá-las e em que contexto. Salienta a importância de o professor/contador estar sensibilizado com a narração; é preciso que haja identificação entre o narrador e o conto. Com a história escolhida, o passo seguinte é estudá-la, buscando suas intenções e apreendendo seu simbolismo.

A postura corporal do professor/contador sobre o contar sentado ou em pé são escolhas que advêm das características inerentes ao conto e do jeito de ser e funcionar naturalmente o educador. O importante é ter uma postura corporal ereta e equilibrada, com musculatura relaxada, permitindo flexibilidade e expressividade corporal, possibilitando uma linguagem do corpo harmoniosa e, por conseguinte, possibilidades de sintonia com a história a ser narrada. Um corpo flexível favorece a utilização de gestos com leveza e naturalidade.

Cléo Busatto, porém aponta para a facilidade que o contar em pé permite, no sentido de permitir a criação de imagens corporais; além disso, chama a atenção para a ligação entre o professor/contador e as crianças através do contato visual, olho no olho. No contato olho a olho, a manutenção do interesse no que se está dizendo acontece e, ao mesmo tempo, envolve o ouvinte e o valoriza, fazendo deste, parte da narração. O olhar projetado para a criança, além de acontecer enquanto se fala prendendo sua atenção, também pode preencher um silêncio, levando a criança a ter expectativa e interesse para o que será dito logo em seguida, deixando espaço para a imaginação agir.

É interessante levar as crianças a participarem da contação, essa energia infantil deve ser direcionada e aproveitada no contexto da história, ficando os alunos incumbidos de fazer o toque de uma campanha ou outra onomatopéia qualquer, esses recursos interativos convidam a criança a ser uma ouvinte ativa e não passiva.

No momento da narração da história o professor/contador de historias necessita de uma diversidade de material (contos maravilhosos, fabulas, lendas, mitos, poesias, adivinhas e livros de imagens) adequado a sua faixa etária. Antes de iniciar

uma fábula, declamar uma poesia, pedir licença para atender uma ligação imaginária de um personagem folclórico, enfim transitar pelos gêneros proporciona dinamismo e empolgação na hora da narração, prende a atenção dos alunos e leva-os a conhecerem novos gêneros textuais.

Os contos tradicionais, como os contos de fadas – com linguagem simbólica, auxiliam a criança nos seus momentos de angústia e insegurança emocional, trazendo conforto e restaurando a confiança a partir da resolução com um final feliz. A literatura educa através dos contos e historietas moralizantes tradicionais que ainda são encontradas em livros didáticos e alguns livros de crianças, mesmo que às vezes disfarçados.

Os contos modernos são narrativas originais criadas por autores contemporâneos que trazem uma renovação do universo maravilhoso, abordam o cotidiano das crianças, desde as situações mais comuns até temas sociais, existenciais, éticos, religiosos de nossa época e com os quais estes estão em contato.

O livro de imagens é outro recurso da contação de histórias, sendo que este nos traz histórias narradas por meio de imagens não utilizando o texto verbal, uma forma de literatura infantil pouco explorada. As imagens são narrativas com conteúdos de descrição e ação ao contrario das ilustrações decorativas dos livros infantis, com muitos detalhes da história, entre uma imagem e outra, que devem ser imaginados pelo leitor ou contador, com passagem de tempo e mudanças espaciais importantes destacando-se o gestual das personagens e tudo que for indicador de ação e movimento para que a história possa ser bem compreendida. Um trabalho com crianças apontando ou levando-as a descobrir esses elementos que fazem progredir a ação ou que explicam espaço, tempo, aspectos dos personagens, etc.; conduzirá a leitura da imagem, ao mesmo tempo em que desenvolve a capacidade de observação, análise comparação, classificação, levantamento de hipótese, síntese e raciocínio.

Ler a história antes de contá-la as crianças é um cuidado do contador para averiguar do que trata se é engraçada, triste, séria e qual a entonação que usará. Segundo Busatto (2003) narrar não é um ato simples e banal, é uma arte que requer preparo do educador. A contação de histórias tem como protagonista principal a palavra – em que o ouvir leva ao imaginar e o narrar deve encantar. Segundo Abramovich (1991) contar histórias é o uso simples e harmônico da voz. A expressão, a entonação bem usada repassando sentimentos e a clareza no dizer são técnicas fundamentais ao professor/contador.

Importante também é uma pré-leitura pelo professor, indicando as crianças o que esperar da história, ou que prestem à atenção em algo específica, numa pós-leitura depois da contação, é interessante perguntar ao grupo o que acharam dos personagens, que descrevam o lugar onde a história acontece ou se gostaram do final. Pergunta mais específica desenvolvem a atenção a detalhes e a capacidade de relembrá-los, questões abertas sobre a história são boas para a discussão em sala e ajudam a criança a aprender a relacionar suas experiências particulares e de outras pessoas.

É preciso que o professor tenha uma formação literária básica capaz de analisar

os livros infantis selecionando o que pode interessar as crianças e decidindo sobre elementos que sejam úteis para a ampliação do seu conhecimento, como recomenda o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil Vol.3 “a intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida.” (p.143).

O horário adequado é aquele onde as crianças estão relaxadas, para pensar sobre a história que viram ou escutaram mostrar o livro a criança e deixar que esta o manuseie é importante para a interação com o objeto, antes do recreio ou almoço ou ao final do dia são os melhores momentos para a contação. Quando ao espaço físico, sugere ambientes fechados, que evitem a dispersão, como a sala de aula, o bom é criar um ambiente de aconchego e a proximidade mantendo as crianças próximas em círculo.

O ideal é trabalhar com a contação de histórias desde a educação infantil. Respeitando o estágio de desenvolvimento em que as crianças se encontram. Antes de completarem 03 anos as crianças vivem num mundo muito concreto, suas brincadeiras são relacionadas ao real, gostam de histórias que falam de limpar a casa, ir nadar, dirigir um carro, fazer um bolo ou passear no parque, isso porque ainda estão sendo apresentadas a essas coisas do mundo, gostam de reconhecer e rever no livro o que já conhecem, mas a partir dos 03 e 04 anos começam a viver no mundo da imaginação, onde uma atividade vividamente imaginada é como se fosse real. Uma narração de conto com apoio visual – desenhos, encenação com brinquedos e bonecos ou com muitos gestos expressivos – prendem muito mais atenção desta faixa etária do que se fosse apenas contada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento infantil se dá num processo criado pela própria criança a partir das interações que vivencia, sendo assim, a literatura infantil em especial a contação de histórias na educação infantil e ensino fundamental, como atividade interativa e pedagógica mediada pelo educador contribui para este desenvolvimento.

Além disso, a história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, leva-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolvem a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxiliam na construção da identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo seu caráter motivador sobre a criança.

Por isso é indispensável que o educador tenha conhecimento dos benefícios dessa prática sobre o desenvolvimento infantil, e saiba utilizá-lo adequadamente em

sala de aula no ensino e aprendizagem dos seus educandos, ou na pedagogia hospitalar, como potencializadora dos conteúdos trabalhados e ferramenta interdisciplinar, e não apenas por isso, mas também como uma fonte de prazer, conhecimento e emoção, onde o lúdico se torna um eixo condutor no estímulo à leitura e à formação de uma geração leitora e escritora de alunos.

Entrar em sala de aula deveria ser considerado um ato sagrado; deveríamos estar em sintonia com o Conhecimento, com o Criador e com a alegria de viver, de exercer um ofício condizente com os nossos desejos mais sagrados (RIBEIRO, 2008, p.20).

## REFERENCIAS

- ABÍLIO E. C., Mattos M. *Letramento e leitura da literatura*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação à Distância; 2003. **Leitura da literatura: as narrativas da tradição**; p.16-23.
- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 2.ed. São Paulo: Scipione; 1991.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Abril, 1995.
- BARBOSA, Ana Rita de Cássia Santos. **Alfabetizando e desenvolvendo competências linguísticas a partir do conto de estórias**. *Revista Faced*, Salvador, n.14, p.27-37, jul./dez.2008.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1980.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação infantil. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil** Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- GADOTTI, Moacir. **O que é ler? Leitura: teoria e prática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- GASPAR, Antônio C. C., DAMASCENO, Daisy H. S. A transição entre a educação infantil e o ensino fundamental. Col. **Educativa Especial – Educativa a revista do professor**. São Paulo: Editora Minuano, Ano I, n.05.
- LEMOS, Simone A. Nepomuceno. Linguagem e infância: a Literatura Infantil no processo de desenvolvimento da criança pequena. **Revista Científica Aprender**, Varginha, n.3, set/2009.
- MAINARDES, Rita de Cássia M. (2007/2008). A arte de contar histórias: Uma estratégia para a formação de leitores. **Dia-a-dia Educação – Portal Educacional do Estado do Paraná**. Acessado em 22/07/2010: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/338-4.pdf>
- MORENO, Leonel de Alencar. O lúdico e a contação de historias na educação infantil. , **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v.10, n.97 p.228-241, jul./dez.2009.
- NEDER, Divina. L. de S. M., (org.). A importância da contação de historias como prática educativa no cotidiano escolar. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v.01, n.01, p.61-64, jan./jun.2009

NETO, Lucia Elena F, (org.). Fonoaudiologia, contação de histórias e educação: um novo campo de atuação profissional. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.18, n.02, p.209-222, ago./2006.

RIBEIRO, Jonas. *Ouvidos dourados – a arte de ouvir as historias (...para depois contá-las...)*. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2008.

RODRIGUES, Edvânia B. Teixeira. Contação de histórias, leitura e produção de textos: um estudo da unidade temática – Educação ambiental. *Revista Solta a voz*, Goiânia, n.13, p.57-71, jan./fev.2002.

SUNDERLAND, Margot. *O valor terapêutico de contar histórias*. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

TAHAN, Malba. *A arte de ler e contar histórias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

VILLARDI, Raquel. *Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

Recebido em 14/08/2011

Aprovado para publicação 17/10/2011